



Fabiana Mayumi Kondo terminou o Colégio Etapa em 2002. Formou-se em Engenharia de Produção na Poli, em 2008, depois de passar dois anos nas Écoles Centrales, na França. Nessa entrevista ela destaca como característica do engenheiro a alta capacidade de se adaptar a assuntos diferentes, de aprender coisas diferentes. Fala também da formação que o Etapa deu a ela e das amizades que fez aqui.

► Fabiana Mayumi Kondo

“Engenharia é uma carreira extremamente valorizada, que abre muitas portas.”

JC – Além da Fuvest, você foi aprovada em outros vestibulares?

Fabiana – Fui aprovada na Unicamp, o outro vestibular que prestei, para Engenharia da Computação. Na época, lá não tinha Produção. Meu pai fez Engenharia, e minha mãe fez Ciência da Computação na Unicamp; eles queriam muito que eu fosse para lá, mas minha opção mesmo era a Poli.

Quando você veio para o Etapa?

Entrei na 7ª série, no mesmo ano em que minha irmã entrou na 5ª série.

Como foi sua adaptação?

Deu para pegar bem as matérias, que estavam um pouco mais adiantadas do que eu tinha visto no meu colégio anterior. E a classe era muito boa, a turma, as pessoas, então eu me adaptei bem. Foi fácil.

Quando você decidiu prestar Engenharia?

Eu sempre fui muito voltada para Exatas e, dentro da área, Engenharia parecia uma escolha natural para mim.

Como foi sua preparação para entrar na Poli, especialmente no 3º ano?

O 3º ano não foi diferente dos outros anos. Eu sempre estudei com certa disciplina e, no 3º ano, mantive o ritmo, nada muito diferente dos outros dois anos.

Você entrou na Poli já querendo Engenharia de Produção?

Ao entrar eu ainda não pensava muito em Produção. O ciclo básico foi bom para eu perceber que não queria uma

Engenharia técnica e pura. Acabei indo para Produção, que não era uma área voltada para uma Engenharia muito técnica.

Hoje, você está satisfeita com sua escolha?

Totalmente. Não me vejo fazendo outro curso que não fosse Engenharia de Produção.

Como foi o início na Poli?

Era bem puxado, tinha de estudar bastante. Mas, depois de um tempo, você acaba se acostumando.



Nesta Edição

entrevista	●
Carreira – Engenharia de Produção	1
conto	●
Armazém Progresso de São Paulo – Antônio de Alcântara Machado	4
entre parêntesis	●
Quem é o pai?	5
sobre as palavras	●
Bateu as botas.	5
artigo	●
Cresce interesse brasileiro por ciência	6
pois é, poesia	●
Álvares de Azevedo.	8

E com relação às pessoas?

Nessa parte foi tranquilo, porque eu conhecia muita gente que estava lá. Muita gente do Etapa tinha entrado comigo.

Como foi o caminho para cursar Produção?

No 1º ano tive o ciclo básico, que é igual para todo mundo. No 2º ano, a gente foi para uma grande área, no meu caso Mecânica. E, no 3º ano, entrei na Produção. Fiz meio ano de Produção e fui para a França. Nas primeiras semanas, em palestras, tinham explicado como era o programa de duplo diploma com escolas francesas e eu me interessei. Fui para lá depois do primeiro semestre do 3º ano.

Antes de ir para a França você ficou dois anos e meio na Poli. O que estudou nesse período?

No 1º ano, vi matérias básicas de Cálculo, Álgebra Linear, Física, alguma coisa de Química, Desenho, Programação. No 2º ano, tive coisas mais específicas de Mecânica, Mecânica dos Fluidos, Materiais, Cálculo e Física. No 3º ano, já na Engenharia de Produção, tive Estatística, Pesquisa Operacional, algumas coisas mais voltadas para Produção, Ergonomia, que é uma matéria mais dirigida para o bem-estar no trabalho, postura, como organizar seu espaço de trabalho.

Na Poli, junto com o curso de Engenharia, você fazia alguma outra atividade?

Eu estudava francês e, no final do 2º ano, dei algumas poucas aulas particulares de Álgebra Linear para alunos do 1º ano.

Como foi o processo de seleção para você ir para a França?

No meu caso, que fui no meio do 3º ano, a seleção aconteceu no 2º ano da Poli. Eram levadas em consideração a nota do vestibular, as notas do 1º ano e acho que também as notas da metade do 2º ano. A seleção era por nota, por uma carta de motivação que tínhamos de escrever e por entrevista com os próprios diretores das escolas francesas que vêm ao Brasil.

A entrevista foi em francês?

Eu fiz em inglês. Desde o começo da Poli eu estudava francês, mas ainda não sentia tanta segurança para falar. Na época podia fazer em inglês, acho que ainda pode.

Junto com você, quantos alunos da Poli foram para a França?

Nós éramos mais ou menos 20, por aí. Eram cinco faculdades na França. Iam três ou quatro por escola.

Você foi para onde?

Marselha, no sul da França.

Como foi lá?

Foi uma adaptação um pouco mais complicada. É tudo ótimo, você está num lugar diferente, um monte de gente nova, mas tem a parte de morar sozinha, de correr atrás, abrir conta no banco. Desde coisas mais simples até fazer as coisas de casa, que eu não estava acostumada, foi bem diferente. Enfrentar o frio foi bem difícil. E a parte acadêmica foi bem diferente também.

Você morou sozinha?

Sozinha. Na verdade, eu morava numa residência universitária. As pessoas que estudavam comigo moravam lá também.

Como foi essa experiência?

Foi a melhor experiência da minha vida. Foi muito bom.

As pessoas foram receptivas?

Foram. Os franceses têm um perfil um pouco mais frio que o dos brasileiros. No começo até sentia um pouco, mas tinha muitos brasileiros lá. Deu para me enturmar bem.

E em relação às matérias?

Foi mais difícil porque as Écoles Centrales são de Engenharia generalista. Não fui para fazer Engenharia de Produção. Outras pessoas que foram do Brasil eram de Engenharia Eletrônica, Civil, de todas as engenharias. E lá eu tive matérias muito específicas de engenharias técnicas, de que eu não gostava tanto e não tinha uma base tão forte, como Eletrônica, Automação, Química.

A parte acadêmica da França é muito diferente da do Brasil?

Na realidade, sim. Quando fui para Marselha, eu estava no 3º ano da Poli, e lá entrei no 1º ano. Os dois primeiros anos que, para nós, são de curso básico, para eles são um curso preparatório para entrar nas Grandes Escolas. Não estavam na faculdade, estavam em cursos preparatórios que duram dois anos para entrar no 1º ano da faculdade, que é equivalente ao nosso 3º ano. Eles tinham uma base muito forte e quase não estudavam, enquanto a gente tinha de estudar muito. Na faculdade, eles fazem dois anos generalistas, que são os dois anos que eu fiz lá com eles, e o 3º ano deles, equivalente ao nosso último ano na Poli, é quando eles escolhem especificidades dentro da Engenharia.

Você chegou a fazer estágio na França?

Fiz. O estágio lá funciona assim: depois de um ano de aulas, tem um estágio que eles chamam de estágio operário. Você trabalha na linha de produção de uma fábrica, durante um mês, mais ou menos. E, no final do 2º ano, tem um estágio mais propriamente de Engenharia. Eles acham que, para conseguir ser um bom gestor, você tem de vivenciar o dia a dia do trabalhador. É uma experiência que acrescenta bastante, achei interessante. Eu fiz o primeiro estágio, na linha de produção, no final do 1º ano. No final do 2º ano, fiz o estágio mais voltado para Engenharia, de três meses.

Onde foram feitos esses estágios?

No 1º ano, estagiei em uma fábrica que produzia farinha. No final do 2º ano, estagiei numa empresa de microeletrônica.

O que você fazia no primeiro estágio, na fábrica?

Eu ficava cuidando de uma máquina que empacotava farinha. Quando dava problema tinha de ir lá arrumar, tirar os sacos de farinha que ficavam emperrados. Eu estava realmente substituindo um operário que estava de férias. Foi puxado, fiquei bem cansada. Às vezes tinha de carregar saco de farinha, que eu nem aguentava. Tinha de pedir ajuda para alguém. Difícil, mas legal.

No outro estágio, mais administrativo, como foi?

Tinha muita programação. Na época, estava ajudando a fazer um software. Fiz bastante programação, trabalhei com engenheiros. Esse segundo estágio foi em outra cidade, Grenoble, perto de Lion.



Nesses dois anos você veio alguma vez ao Brasil?

Vim uma vez só. Meus pais chegaram a ir para lá. Tinha muitos amigos da Poli que estavam fazendo intercâmbio na Europa, em outros países, deu para viajar bastante. Mas em dois anos dá para sentir saudade do Brasil. Foi gostoso ter voltado, voltei a morar com meus pais. E eu estava com saudade da Poli também.

Você retornou em qual ano da Engenharia de Produção?

No meio do 4º ano.

Os dois anos na França valem um para a Poli?

Isso. Substituí o segundo semestre do 3º ano e o primeiro semestre do 4º ano.

Você conseguiu retomar normalmente as matérias da Engenharia de Produção?

Consegui, sim. Voltei um pouco atrasada no semestre, já tinha passado um mês e pouco, mas tinha entrado em contato com os professores, avisado. Na Produção tem muito trabalho em grupo. Amigos meus que já tinham voltado conseguiram me encaixar nos grupos.

Que matérias você teve nesse retorno?

Tive poucas matérias, Controle de Qualidade, algumas matérias da Produção bem específicas. No 5º ano praticamente não tive matéria. Foi trabalho de formatura, estágio e algumas matérias optativas. Fiz optativas no 4º ano também, na FEA e na ECA, de Marketing.

Produção mesmo você quase não fez?

A parte mais pesada de matérias de Produção, que é no final do 3º ano e no começo do 4º, eu não tive. Muitas matérias importantes eu acabei não tendo. Mas puxei Engenharia Econômica como matéria optativa.

Aqui você estagiou também?

No 5º ano, fiz estágio na consultoria em que estou até agora. Chama-se Monitor Group, de consultoria estratégica. Entrei no começo do 5º ano, estagiei o ano inteiro e, há dois anos, fui efetivada.

O que você faz nessa consultoria?

Os projetos em si são muitas vezes confidenciais, em geral para grandes empresas que estão com problemas de estratégia, de organização. Há vários temas, ninguém fica focado num tema específico, nem em uma indústria específica. Roda-se bastante, fazendo os projetos, que em geral duram de um mês a quatro meses. Eu já fiz projeto de seis meses fora, no Peru. Também fiz parte de um projeto na Colômbia e cheguei a ir a Honduras. O que eu gosto mais na consultoria é desse dinamismo, poder aprender sobre coisas muito diferentes. De um projeto para outro as coisas variam muito.

Como é o trabalho em consultoria para um engenheiro?

Tem muito engenheiro em consultoria, que exige uma capacidade analítica. A Engenharia dá uma base muito forte nisso, dá uma base muito boa para entrar no mercado de trabalho. O engenheiro tem uma capacidade muito alta de se adaptar a assuntos diferentes, aprender coisas diferentes.

O que é importante para ser admitido numa consultoria? Sua experiência internacional contou pontos?

Experiência internacional ajuda bastante, mas acho que, em consultoria, o importante é ser uma pessoa curiosa, que demonstre vontade de aprender, de ter experiências diferentes. Você pode não fazer nada internacional, mas se na faculdade você participou de empresa júnior, atlética, essa experiência é valorizada. Aprender desde cedo a liderar, a organizar eventos, esse tipo de coisa, é supervalorizado também. E demonstrar vontade, mostrar que você quer, está disposto a trabalhar bastante, aprender bastante.

Você vai continuar estudando?

Pretendo voltar a estudar de alguma forma, fazer alguma coisa, só não sei ainda o quê. Mas tenho clareza de que quero voltar a estudar.

Você gostaria de voltar a morar no exterior?

Não é o meu foco hoje. Agora é ficar no Brasil mesmo. Mas não diria não a morar fora, gosto bastante de conhecer coisas diferentes.

Quais são seus planos para este ano?

Eu pretendo decidir com relação ao que estudar. Por exemplo, se quero fazer MBA. E preciso voltar a praticar algum esporte, que desde que comecei a trabalhar deixei um pouco de lado.

Você fazia esporte na Poli?

Não, fiz na França, jogava basquete. Na Poli fiquei sem tempo quando comecei a estagiar.

O que você diria a quem pretende prestar Engenharia no fim deste ano?

Engenharia é uma carreira que, em geral, as pessoas não se arrependem de ter feito. É uma carreira extremamente valorizada, que abre muitas portas.

Você quer dizer mais alguma coisa para nossos alunos?

Aproveitem esta época do colégio. Quando você está aqui pode achar que é muito difícil, com o vestibular pela frente, que tem de estudar demais, mas depois você vai perceber que é uma época relativamente tranquila. A faculdade é um mundo completamente diferente e vale a pena se esforçar para entrar, estudar um pouco mais, dar aquele gás para passar no vestibular. ■

Jornal do Colégio ETAPA

Jornal do Colégio ETAPA

Editado por Etapa Ensino e Cultura
Redação: Rua Vergueiro, 1 987
CEP 04101-000
Paraíso – São Paulo, SP

Jornalista Responsável
Egle M. Gallian – M.T. – 15343
